

A L A D O S
O A R C O E A L I R A
r o t i n i e l b a t u r i n
emanuel dimas de melo pimenta
2 0 0 0 7

título: ALADOS: O ARCO E A LIRA: ROTI NIELBA TURIN

autor: Emanuel Dimas de Melo Pimenta

ano: 2007

Roti Nielba Turin

editor: ASA Art and Technology UK Limited

© Emanuel Dimas de Melo Pimenta

© ASA Art and Technology

www.asa-art.com

www.emanuelpimenta.net

Todos os direitos reservados. Nenhum texto, fragmento de texto, imagem ou parte de esta publicação poderá ser utilizado com objectivos comerciais ou em relação a qualquer uso comercial, mesmo indirectamente, por qualquer meio, electrónicos ou mecânicos, incluindo fotocópia, qualquer tipo de impressão, gravação ou outra forma de armazenamento de informação, sem autorização prévia por escrito do editor. No caso do uso ser permitido, o nome do autor deverá ser sempre incluído.

O ser humano perfeito é todos os seres humanos juntos, é algo colectivo; somos todos nós, juntos, o que faz a perfeição.

Sócrates (469-399BC)

A palavra *roti* surgiu no século XII, em pleno renascimento medieval, do Francês arcaico **raustjan*, ainda no universo dos Francos, pouco depois do início da fabricação de papel na Europa, e indicava o acto de curtir a carne no calor do fogo e no seu próprio sumo.

A palavra *nielba* é *nuvem*. A sua origem pode ser levada a tempos pré-históricos, milhares de anos atrás, ao Indo Europeu **sneudh*, que indicava a idéia de *cobrir* – daí, ainda, a palavra *núpcias*.

Turin é Torino – célebre cidade Italiana cujo nome surge de *Tau*, que tem origem Celta e que significa *montanhas*. A palavra Celta foi associada ao termo Italiano *torino*, que significa *pequeno touro*.

Algo curtido no próprio sumo, que cobre tudo, que emerge como as montanhas e que tem a força de um touro.

Roti Nielba Turin é do signo de *gémeos*. Os signos de *touro* e *gémeos* são os únicos para os quais as origens genealógicas em termos planetários ainda não foram descobertas. Isto é, são signos livres para o futuro.

Surgido no universo zodiacal da antiga Mesopotâmia, *gémeos* é orientado pelo guerreiro Mercúrio. Desde os antigos tempos Sumérios a sua casa é a da *comunicação*. Signo do ar, é profundamente analítico e está em permanente mudança. É intelectual e instável.

Para os chineses, Roti Nielba Turin nasceu sob o signo da *serpente*. Segundo à milenar tradição Chinesa, aqueles que nascem sob esse signo são não apenas os mais dedicados pensadores como também um verdadeiro enigma naquele sistema. Tal como o *dragão*, também a *serpente* é um signo fortemente cármico. São pessoas radicais.

Ela também é de *metal*, uma *serpente de metal* – o que significa ser sempre solitária, movendo-se com rapidez e em silêncio. E, para além de *metal*, nasceu sob o signo do *galo* – que a faz regente de uma formidável *orquestra*. Sempre extremamente persistente e inteligente.

Embora as relações entre a *serpente* e o *galo* sejam das melhores, tratam-se de signos de naturezas diferentes, quase conflituosas – o que faz com que ela seja uma pessoa que vive um eterno dilema interior.

Eu tinha cerca de catorze anos de idade quando conheci Roti Nielba Turin. E aquele momento, há quase quarenta anos, ainda respira a clareza e a lucidez do que nos é mais presente.

Mara Greco, que eu tinha como uma referência primeira, era mais velha do que eu, muito bela, doce, de corpo pequeno, minha prima e, como todos as outras pessoas que se espalhavam pela sua casa, era uma pensadora. Filósofos, sociólogos, actores, artistas de todos os tipos, músicos mergulhavam naquele espaço de liberdade. Para um menino como eu, aquilo era um mundo mágico, encantado – um pedaço do antigo espírito Grego numa pequena casa na cidade de São Paulo.

Naquela noite, iríamos todos para um concerto de *rock*, ao ar livre, num grande parque. Mara falava ao telefone com alguém que ainda não conhecíamos. Fazia calor e o ar estava pesadamente húmido. Todos eram novos, mas aos meus olhos eram bem mais velhos, quase senhores, de longos cabelos, barbas, flores, cores e com um profundo sentido analítico sobre todas as coisas.

Para o concerto seguiríamos em três carros. Connosco viria aquela enigmática amiga da Mara, que estava atrasada. Quem seria aquela estranha personagem? Mara disparou: «uma pessoa genial – muito mais que uma professora». As pessoas continuaram a perguntar. Mara se dedicava, naquela época, a estudos sobre dinâmica de grupo e estava encantada com o mundo da linguagem, verbal ou não verbal. «Ela investiga a estruturação do pensamento»

– as suas poucas palavras calaram imediatamente todas as almas e ficamos ali, na rua, à espera de uma deusa que viesse como uma nuvem, alada como o vento, e nos arrebatasse a todos com a fúria de um touro selvagem.

Para os nossos olhos e ouvidos, a Roti nasceu assim – uma grande mestra, uma professora, aquela que professa incansavelmente as permanentes transformações das nossas almas.

A palavra *professora* tem as suas longínquas raízes etimológicas no Indo Europeu **bha*, que passou ao Sânscrito *bhas*, que significa *esplendor*, e que gerou o Grego *phos*, que nos dá a ideia de *luz*, de onde surgiu a nossa palavra *fogo*, do Latim *focus*.

A partícula **b*, elemento Indo Europeu radical de **bha*, indica a ideia de *energia*, de *força vital* – e é aí que assentam as origens da nossa palavra *biologia*.

Curiosamente, **bha* também revelava a ideia de *falar*, e daí os termos Gregos *phêmê*, *palavra*, e *phanai*, que significa exactamente *falar*. A antiga expressão pré-histórica também produziu as palavras *fábula*, *fama* e *professor!*

Enquanto *profissão* de fé, a palavra surgiria somente no século XII e teria de aguardar até ao século XVIII para emergir o *professor* como indicação *daquele que ensina*.

Pois no meio da nossa espera, como numa fábula, a deusa chegou feito surpresa, corpo pequeno, passos ágeis, rápidos, atrevidos, quicando nervosamente o pavimento das calçadas que pareciam mais moles com aquele imenso calor, eliminando num passe de mágica o curto espaço que a separava de nós. Incomodou-se com o salto. Voltou para trocar por uma sandália ou um sapato baixo, mais confortável.

Foi assim que conheci a Roti Nielba Turin, numa noite de *rock*. E mesmo mergulhando no clarão artificial daquela noite, em meio aos vertiginosos eléctricos sons, ela se maravilhava com tudo, das estrelas aos gestos, e nos ia desvendando relações imersas em galáxias de outras relações, como quem magicamente tece uma fabulosa *mandala*.

Era o tempo dos primeiros *Genesis*, *Pink Floyd*, *King Crimson*, Andy Warhol, Lou Reed, John Cage, Karlheinz Stockhausen, Luciano Berio, Walter Smetak, o eternamente genial Waldemar Cordeiro que morreria poucos anos mais tarde – todos eram os deuses que completavam as nossas constelações. E haviam ainda, para além de muitos outros, o Décio Pignatari, o Haroldo, o Augusto de Campos, Roman Jakobson, Antônio Cândido, Claude Levy-Strauss e os nossos *Tristes Trópicos*. Um mundo da experiência, da percepção, da descoberta como o outro lado de um universo subterrâneo, fugindo permanentemente à implacável perseguição das mentes ditoriais, que em qualquer época nunca foram poucas.

Na poesia, na música, nas artes, na literatura – não havia, ainda, a busca por um padrão de massas, por uma débil aceitação geral que mais tarde seria vagamente traduzida pela palavra *mercado*.

Tudo era invenção, futuro e descoberta. O mundo era muito menor e a arrogante ignorância ainda não tinha sido definitivamente transformada em sinal de elevada posição social.

Rapidamente, aquele mundo mágico evaporou – os meus braços e pernas e olhos e corpo foram crescendo velozmente e tudo foi se transformando, tal como conta Ovídeo nas suas *Metamorfoses*.

O tempo fluiu vertiginosamente, como sempre, e eu nunca mais encontrei a Roti. O seu nome desapareceu da minha jovem memória e os seus traços se tornaram, como os meus, nos traços de outra pessoa, de outras memórias.

Dez anos mais tarde – talvez um pouco menos – eu estava na faculdade de arquitectura e urbanismo, quando praticamente todos os alunos da classe foram desenhando os mais variados comentários sobre a enigmática professora que estava para chegar, naquele exacto momento, e que nos ensinaria *semiótica*. Diziam que era *dura*, genial, amiga mas extremamente exigente, que as suas aulas eram as melhores de todo o curso, que era uma pessoa para poucas brincadeiras, que *explodia* inesperadamente *iluminando* toda a classe e que, portanto, as suas aulas eram uma experiência única de vida.

Ninguém podia ficar indiferente àquela estranha personagem – mesmo antes de a conhecermos. E foi assim que ela surgiu na sala de aula. O mesmo passo rápido, ágil e nervoso, o mesmo olhar brilhante e iluminado, o mesmo sorriso profundamente contagiente. E num átimo o quadro negro estava totalmente preenchido de ideias e mais ideias e a aula chegara rapidamente ao fim.

Ao contrário do que geralmente acontece com aulas de filosofia, as ideias que ali tinham emergido tocavam imediatamente profundamente a vida de todos – elas diziam respeito ao mais íntimo de cada um. Esse é um traço fundamental das aulas da Roti Nielba Turin.

Seria apenas no final da terceira ou da quarta aula que, de misteriosa forma, como se estivéssemos vivendo a luz de Mnemósine, filha de Urano e da Terra, mãe das nove *musas*, que aquelas antigas imagens que já não mais nos pertenciam, desaparecidas no âmago de Crono, iriam se reconstituir magicamente. Foi ela quem perguntou se não seria eu, afinal, aquele menino que conhecera anos antes. Estávamos a sós na sala de aula e subitamente o passado se tornou presente – ela era, afinal, a Roti Nielba Turin!

Depois disso, nunca mais nos perdemos. Mais tarde, fui seu monitor durante mais de dois anos. Ajudei na elaboração musical da sua tese de Mestrado. Compartilhamos os mais diferentes momentos, todos eles de mudança e de descoberta. A Roti se tornou, para sempre, parte da minha alma.

Mas, não apenas da minha. Em torno dela juntavam-se, ao longo dos anos, os mais talentosos espíritos. Arquitectos, urbanistas, designers, poetas, músicos, publicitários, escritores, estrategistas, curadores e assim por diante. Entre os antigos mestres, sempre foi respeitada como uma estrela de primeira grandeza. Assim a tinham Eduardo Kneese de Mello, Eduardo Corona, Maurício Nogueira Lima, Haroldo de Campos, Décio Pignatari e um sem número de grandes pensadores.

Paulo Leminsky, que era um grande amigo meu, não se cansava de dizer, cheio de orgulho, o quanto a admirava, o quanto a amava como grande mestra, disparando sem rodeios ter sido ela quem o tinha ensinado a pensar. A tratava, de forma carinhosa e quase ritual, como *Professora Roti*.

Mesmo sendo uma formidável estrela, Roti nunca se afastou dos seus alunos. Nunca deixou de ser uma pessoa simples e amiga, directa e generosa – o que não é lá muito comum entre os chamados intelectuais. Sempre olhou com grande desconfiança a posteridade, as biografias, enfim, qualquer coisa que pudesse interferir na sua grande missão – professar a mutação do espírito humano, o espírito da descoberta.

Começou pequena, menina, a ensinar em Curitiba, onde nasceu. Dezanove de Agosto de 1957 foi o seu primeiro dia como professora – obra que continuaria ininterrupta durante mais de cinquenta anos. Começou com alunos da quarta série do ensino fundamental e, imediatamente, lançou uma fascinante invenção – estabeleceu um método através do qual as crianças elaboravam a própria cartilha. Tinha apenas dezasseis anos de idade!

Um ancestral seu foi herói – o grande João Turin, escultor daqueles que têm a sua estátua no lugar mais importante da cidade. Terá sido dessa veia que terá fluído a sua genética criativa. Viveu uma infância de grande dificuldade económica, disfarçada pelo charme e habilidade do pai. Ele, que era um sujeito vivo, logo percebeu que tinha uma filha genial e tratou de a colocar para trabalhar, ainda muito nova, quase criança, como professora. Sendo genial, outra coisa não poderia fazer! Mesmo com aquela idade, tão nova, se tornou quase que imediatamente numa mestra amada e admirada por todos, dando aulas para outros que tinham quase a sua idade. O velho pai tinha acertado no seu olho de águia.

Estudava e ensinava porque, no final das contas, nós apenas aprendemos, nunca ensinamos. Ensinar nada mais é que um exercício de aprender juntos, de reconstruir, de mostrar o amor que temos por alguma coisa.

E essa pode ser a palavra chave para a vida da Roti Nielba Turin, uma palavra por vezes amaldiçoada nos meios académicos, como sinal de pouca pontaria, de dilettantismo: *amor*. Ledo engano. O amor é aquilo que dá forma às nossas almas, ao que percebemos e intuímos.

Se nos lançarmos ao mundo pré-histórico, milhares de anos atrás, encontraremos uma raiz primeira para a palavra *amor*; mas que raiz é um

fragmento, uma célula genética em **k*, signo da *curva*, da *cúpula celeste*, que produziu as antigas palavras **kaelum*, que era o céu, **ka*, água, **kan*, que significava *cantar*, e **kam* que indicava a *medida da felicidade* e que acabou por perder a consoante *k* para se transformar na nossa palavra *amor*.

Esse sentido de *amor*, que logo a ensinou que quanto mais se conhece mais sensível se é, a obrigava a mais e mais voos. Afinal, não era ela uma personalidade em permanente conflito, em constante questionamento? Não era ela um ser luminoso de movimentos rápidos e silenciosos?

Voou para São Paulo em 1971, quando nos conhecemos, e edificou solidamente a sua brilhante genialidade. Passou por Ferdinand de Saussure, Bakhtin, Barthes, Vygotsky, Luria, pois a literatura tinha sido o seu mundo primeiro, e descobriu o espaço, a arquitectura, o desenho da *urbis*, o mundo não verbal – um universo mágico que a levou a mergulhar com Charles Sanders Peirce nas mais profundas searas lógicas e matemáticas fazendo com que se tornasse na introdutora da disciplina de *semiótica* nas facultades de arquitectura, de urbanismo, e de desenho industrial em toda América Latina em 1974.

Não se pode esquecer aquele seu impulso primeiro – o *amor*. Os seus alunos, milhares, foram antes seus parceiros numa formidável aventura da descoberta. Ela nunca se limitou, como infelizmente acontece com grande parte daqueles que se dizem *professores*, em repetir fórmulas e ideias memorizadas. O seu teatro da memória sempre esteve estabelecido no futuro, no exercício da permanente descoberta, na experiência. Assim, a sua obra foi sendo elaborada, criteriosamente, como um grande edifício da filosofia do pensamento.

Se a perguntarmos sobre a importância deste livro – fiel à sua desconfiança acerca da importância pessoal, movimentando-se livre e silenciosamente – ela certamente responderia se tratar apenas de uma iniciação à semiótica. É muito mais.

Mas, há outro traço importante para se compreender as raízes dessa sua formidável obra. Ainda existe uma curiosa e notável diferença entre Europeus e Americanos. Enquanto que para os primeiros tudo geralmente é fundamentado nas bases sedimentadas da tradição, os Americanos tendem a tomar a livre experiência como condição essencial da descoberta. Não se trata aqui de Brasil ou dos Estados Unidos, mas de uma América total, enquanto *Novo Mundo*. E, nesse sentido, a Roti Nielba Turin é uma permanente experimentadora.

O que não significa estar desprovida daquelas relações com o passado. Em Portugal ou na Espanha, em todas as suas conferências e aulas, arrebatou a todos com a mesma energia ciclónica de sempre.

Manteve-se fiel, sempre, ao seu amor pela descoberta, e com ele à sua desconfiança pelas biografias e manifestações de poder. Assim, tal como aconteceu com Saussure e com Peirce, seria apenas através de um dos seus mais brilhantes alunos, o arquitecto, urbanista e filósofo Fábio Duarte – que tão generosamente tratou de reunir os textos coligidos nas suas inesquecíveis aulas – que teríamos um primeiro livro sobre o seu pensamento, sobre a sua obra genial.

Assim, este livro é um hino de amor, não apenas à grande mestra, mas principalmente a tudo o que a ela nos relaciona – o amor ao conhecimento, àquilo que faz de nós verdadeiros seres humanos – nos lembrando, a cada palavra, John Dewey quando dizia que a «educação não é preparação para a vida. Educação é a própria vida».

Como se, repentinamente, respirássemos Heráclito:

*O cosmos opera
Por harmonia de tensões,
Como o arco e a lira*